

**I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS**

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

**COMPOSIÇÃO E MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DA TOTALIDADE HISTÓRICA
EM MARX**

Fernando Pedrão

Preliminares

Um aspecto fundamental da concepção estrutural histórica da formação da sociedade moderna é a totalidade social, que traz, subsumida, a relação entre os integrantes da sociedade e a relação da sociedade com a natureza. As alternativas de dominar a natureza ou de adaptar-se a ela, estão contidas nessa grande relação, que é, essencialmente, uma relação histórica. A concepção de totalidade é a que dá sentido à visão histórica dinâmica da formação social. A formação social é uma totalidade em processo, que se identifica em experiências historicamente situadas.

Por isso, o principal foco da ruptura entre a economia política histórica e a economia ahistórica baseada em pseudotempo, é a dimensão metatemporal que é a história. A história não se resume em séries sequenciais ditas históricas, senão é uma progressão de eventos.

Não encontraremos situação histórica alguma que não tenha um antecedente, portanto, que já não dependa de uma dimensão temporal anterior. A questão hegeliana da ordem do tempo, que é a matéria de um estudo brilhante de Paulo Arantes, aparecerá em Marx na forma de um problema fundamental da explicação da acumulação, que consiste em que acumular como tal é uma transcendência do capital, que, finalmente, só pode permanecer porque muda de composição. É o grande paradoxo do capital, que só pode se manter mudando, e, desse modo, determinando uma mudança irreversível.

A corrente marginalista, que constitui a principal vertente doutrinária ahistórica, surge com a rejeição, por esta última, da totalidade histórica e por sua substituição por duas referências conceituais, que são as categorias individuais – o consumidor individual em vez da pessoa e o produtor individual em vez do trabalhador – e o sentido de global, que é uma totalidade sem contradições, onde desaparece a integridade das funções de consumir e produzir.

As variantes keynesiana, schumpeteriana e neoclássica não alteram essa premissa básica, pelo que devem ser consideradas como ramificações da análise marginalista, que não escapam da bifurcação inicial da teoria marginalista, entre sua vertente empirista inglesa (Hume, Locke, Jevons, Marshall) e sua vertente neo

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

kantiana austríaca (Böhm-Bawerk, Cassel, Wicksell, Schumpeter até Milton Friedmann). São todos criaturas do pseudo tempo e do pseudo movimento, em busca de indivíduos sem coletivos e coletivos sem indivíduos.

A totalidade não é apenas uma idéia forte. É uma categoria da realidade, que deve ser captada tal como ela se apresenta na sociedade moderna, onde, como advertiu Lucien Goldmann (1968), a necessidade da categoria de totalidade surge junto com o reconhecimento da própria sociedade. A totalidade entra como a totalidade social. A grande questão está em como absorvê-la como ingrediente da análise social, já que toda análise é um exercício de uma teoria.

Junto com o reconhecimento da categoria totalidade, surge a necessidade de determinar como percebê-la na realidade social objeto de nossa reflexão. A economia clássica oferece duas avenidas de compreensão desse plano: a totalidade dos relacionamentos econômicos, ou a economia internacional como sistema; e a totalidade nacional dos relacionamentos, que implica em reconhecer a sociedade nacional como entidade autônoma. Desde então, a economia ortodoxa tem dançado ao redor da fogueira, sem se decidir a resolver esse problema, que implica em expor as diferenças de autonomia entre países poderosos e não poderosos, isto é, a expor os problemas de dominação e de bloco de poder que estão subjacentes na sociedade econômica moderna do capitalismo industrial.

No relativo a Marx, há uma novidade surpreendente na conceituação de totalidade, que não foi identificada pelos principais teóricos que se ocuparam do tema. Acontece que em Marx há um duplo sentido da totalidade, que aparece na interação entre a esfera da produção capitalista, que é, necessariamente, internacional, e a esfera do sistema socioproductivo, em que o componente cultural e institucional é essencial e que, por isso, é nacional. Esse problema teórico ficou sem resolver, e, entendemos, é o fundamento das derivações de Rosa Luxemburgo com a *Questão nacional* e de Gramsci com a *Questão meridional*.

Esse sentido duplo também aparece nas esferas do capital e da propriedade. Em sua formação, o capital se vale da propriedade como meio de poder. Mas nem toda propriedade opera como capital. A propriedade pode não funcionar como capital, mas alavanca poder que passa à esfera econômica como capital. Esse foi e ainda é, o principal papel da propriedade fundiária nos países de industrialização tardia, onde o controle da terra funcionou como meio de obter os recursos financeiros necessários para participar da expansão industrial.

O modo como as funções de propriedade e de capital se identificam – ou desidentificam – resulta do modo como o capital opera enquanto capital, transformando propriedades pré capitalistas em capital, ou descartando

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

propriedades que não se afinam com seus objetivos. Mas o manejo da propriedade como meio de poder é a chave da acumulação primitiva. Toda a questão gira em torno do modo como os grupos sociais conseguem usar a propriedade e como trabalham com ela, quando ela já é contemporânea do capital industrial.

A herança hegeliana

O reconhecimento de que há um princípio reitor de composição no ordenamento do mundo, que se vê como propriedade da sociedade, é uma das concepções poderosas de Hegel, que aparece em diversos momentos de sua obra.¹ Entendemos que a noção de composição em Hegel aparece em três grandes momentos de sua obra. O primeiro no sentido estrutural do desenvolvimento interno do sujeito, na *Fenomenologia do Espírito*. O segundo no significado qualitativo da magnitude, na *Ciência da Lógica*. O terceiro, no significado da noção síntese de idéia, tal como é apresentado na *Lições sobre a filosofia da história universal*. Na obra de Hegel em seu conjunto, a noção de composição encontra-se na objetividade dos processos históricos e na complexidade das concepções com que eles são vistos.

O reconhecimento do tema é uma herança hegeliana. Entendemos, além disso, ser este um dos campos em que o legado de Hegel está tratado com menos clareza no relativo à compreensão da obra de Marx. Totalidade compreende toda a fenomenologia do total, que significa existir, cultura, sociedade, subjetividade, individualidade. Assim, a totalidade social atual é a cara atual de um processo que continua.

A noção de composição em Marx

Nesse contexto, uma idéia que quero explorar nestas notas, é que no projeto geral de Marx, de explicar o funcionamento da sociedade capitalista, era preciso encontrar uma categoria de mediação, que permitisse estabelecer o princípio da totalidade em sua real complexidade histórica. Tal categoria é a composição.

A noção de composição ocupa um lugar especial na estruturação teórica da economia crítica de Marx. A composição contém as contradições entre a produção

¹ Esse princípio reitor seria o *logos* de Heráclito, que teria que ser filtrado pela razão. Diremos que a conceituação de totalidade em Hegel se desenvolve em diferentes rumos, resultando em uma parte da explicação do mundo como tal e em uma parte da explicação da história como tal. Na *Fenomenologia do Espírito* é a totalidade objetiva do ser e na *Ciência da Lógica* é a totalidade do conceito.

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

de valor e a produção de poder. A noção de composição integra os movimentos dialéticos da produção de valor, reunindo os dois elementos fundamentais da produção, que são o poder criativo do trabalho atual e a capacidade de se apropriar do trabalho anterior.

Essa questão da capacidade de apropriação é que estabelece a necessidade de um mergulho mais profundo na análise da circulação, além de explicar a circularidade dos relacionamentos em seus tempos próprios (Rui Fausto, 1997). O capital depende dessa capacidade de se apropriar para poder se reproduzir. Por isso, a relação necessária entre a esfera econômica e a esfera política. Por isso, também, entender que a acumulação primitiva prossegue dentro das formas mais avançadas do capitalismo. Algo em que o início deste século é fértil em exemplos.

A noção de composição está formalmente exposta no cap. XXIII do Livro I de *O Capital*, mas de fato, encontra-se desde as colocações iniciais sobre as mercadorias. O arsenal de mercadorias, com que Marx começa a exposição de *O Capital*, não é uma lista anódina de mercadorias, senão é um elenco de mercadorias, cujas posições estão estabelecidas pela combinação do valor relativo e do valor equivalencial. Há relações funcionais e relações de equivalência entre as mercadorias, tanto como há relações funcionais e de equivalência entre os que as usam. O processo de produção altera o elenco de mercadorias, não só introduzindo novas mercadorias e retirando outras, como e principalmente, alterando as posições de cada uma delas no conjunto do valor incorporado, isto é, na totalidade econômica do sistema social.

O essencial da noção de composição em Marx é o jogo que se estabelece entre a composição técnica e a composição orgânica, que é a composição como tal, como ele diz, mas que não esgota as possibilidades explicativas da composição técnica. São duas bifurcações de análise que se sobrepõem, mas que não se excluem. A composição técnica denota o estado atual do conhecimento. A capacidade de produzir conhecimento está indicada na composição orgânica, que é onde está o trabalho vivo.

A composição aparece de modo ativo e de modo passivo. Primeiro aparece de modo passivo no corpo de teoria sobre a reprodução simples. Depois, encontra-se como um ingrediente essencial e ativo das conversões de forma do capital, entre o capital produtivo e o dinheiro, e, mais adiante, na descrição da produção capitalista em seu conjunto, como mediação entre as formas gerais de capital mercantil, capital industrial e capital financeiro.

Justamente, pela complexidade do que representa, a noção de composição se sobrepõe à de estrutura, passando a qualificar estrutura como algo historicamente criado. Estrutura em Marx é algo radicalmente diferente de estrutura em

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

Descartes. Em Descartes estrutura é um conjunto com propriedades diferentes e maiores que as dos seus componentes.² É um conjunto genérico. Em Marx estrutura é um resultado de um processo social historicamente situado, em que as propriedades do conjunto não só são diferentes e maiores que as propriedades de seus componentes, como, também, podem variar ao longo do tempo.

Ressaltaremos aqui que no desenho básico do movimento do capital Marx contrasta o movimento geral da acumulação com os movimentos de conversão entre formas operacionais do capital, no sentido de sua maior mobilidade e domínio da composição técnica, que é na esfera de predomínio do capital financeiro. O movimento geral expressa a totalidade do capital em seu mover-se em aberto, referenciado apenas pelo objetivo de aumentar a mais valia.³

Mas, obviamente, em circunstância alguma há apenas o movimento geral. O movimento geral está penetrado dos movimentos parciais do capital, tal como os movimentos específicos de conversão entre formas de capital, de um modo ou de outro, sempre refletem condições peculiares de produzir.

Como o sistema de produção não está previamente restrito a uma determinada duração, tratamos com uma totalidade aberta, isto é, nos encontramos com uma totalidade que tende a mudar de feição no futuro. Não se pode pré-determinar os rumos da técnica nem as condições globais de usos dos recursos. No entanto, é possível antecipar quais são as linhas mestras de desenvolvimento da tecnologia, seguindo os interesses da concentração do capital. Prevalece a combinação de incerteza e indeterminação.

O imperativo de mudar

A questão do mudar obviamente aparece ante nós com maior complexidade que no fragmento 49a de Heráclito.⁴ Porém não de modo menos misterioso. O mudar em Heráclito é genérico e total, porque envolve a natureza e o homem como parte

² Citamos o ensaio de Francisco Romero intitulado *Sobre a oportunidade histórica do cartesianismo*, em seu **Estúdios de historia de las ideas (1953)**.

³ No capítulo VI inédito de *O Capital*, Marx insiste em que o objetivo do capital é obter mais mais valia. Essa observação tem um enorme efeito indireto, em quem especialmente, invalida a noção de que o objetivo do capital é lucro.

⁴ O fragmento 49^a diz: *Entramos e não entramos no mesmo rio, somos e não somos*. O mesmo princípio aparece sob outra forma no fragmento 91, que diz: *Não se pode descer duas vezes ao mesmo rio. Dispersa e une, avança e retira*. A totalidade é denotada pelo *Logos*, equivalente ao *Tao* do Laoismo, que pode ser aparente e oculto e é uma síntese do mover-se do universo. O movimento em Heráclito é sempre apresentado como uma materialização de uma percepção do mundo, portanto, que envolve o sujeito dessa percepção.

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

da natureza. A noção moderna de mudar aparentemente começa em Giordano Bruno e testemunha o início da modernização na Renascença.

Mudar na sociedade moderna é outra coisa. É um mudar determinado, como estabeleceu Hegel. Na compreensão da fenomenologia do mundo moderno, não há processos genéricos. O processo de formação das árvores em geral só pode ser compreendido mediante processos específicos de formação de uma pluralidade de árvores.

Não tem sentido pensar em composição na obra de Marx como algo restrito ao passado, ao que já foi feito. Há dois modos de manifestação do mudar. Mudar enquanto expressão de uma lei interna da reprodução do que há; e mudar como modo do social. Nesse sentido a revolução é o modo de pensar, que é muito pouco.

A composição é mediadora de mudança. A composição concreta é a própria mediação. A composição permite mudar. O sistema tem que mudar para manter-se. Mudar envolve o abandono de componentes que foram essenciais ao sistema e que se tornaram desnecessários. Entretanto, quem decide que eles se tornaram desnecessários? Os consumidores? Ou os segmentos do capital que induzem e controlam o consumo? Quem decide, finalmente, entre os leques de opções que se apresentam aos pequenos e aos grandes capitais? Porque investir em produtos com maior valor adicionado se os produtos com menor valor adicionado são mais rentáveis e operam com menos risco?

A questão seguinte que se adverte é que os movimentos do mudar são irreversíveis. O negativo do capital é inerente a sua duplicidade. Explicar o negativo do capital, é revelar seu significado de crise e ver que a crise é uma imanência do capital e não é um incidente. Esse caráter necessário do lado negativo do capital – sobre o qual temos aqui um excelente estudo de Jorge Grespan – persiste, com uma renovação das formas de crise, que, justamente, surge das alterações da composição do capital em seu conjunto.

Marx lançou as bases de uma teoria (histórica) da ação social, que depende da inserção dos protagonistas na formação social, para explicar o jogo atual de relacionamentos. Nela, o essencial é que os relacionamentos entre os participantes jamais acontecem como eventos separados do processo social, senão, pelo contrário, como parte desses processos sociais. O homem histórico é um ser social e não é um ente de razão. Daí, justamente, a importância do trabalho de Lúkacs sobre o ser social.⁵

⁵ O trabalho de Lukács a que nos referimos, a *Ontologia do ser social* (1979) é parte essencial do projeto desse autor, de expor a fundamentação ontológica da crítica da economia política e

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

É inútil procurar conciliar uma explicação histórica do agir social com uma explicação genérica da ação social, que exclui as contradições e os conflitos do processo. Não se trata de uma teoria da ação comunicativa,⁶ senão de entender que a teoria da *práxis* compreende pensar e agir, comunicar e fazer.

O agir social em Marx está com-penetrado das contradições dialéticas, e surge, inexoravelmente, como uma manifestação de conflitos socialmente definidos e das conseqüências desses conflitos. É a relação necessária entre estruturação social em classes e luta de classes. Assim, a totalidade é o espaço-tempo da mudança e está ligada aos modos como a sociedade muda.

No relativo ao sistema capitalista de produção, a totalidade tem referências específicas de tempo, que estão dadas pela combinação dos tempos com que operam os diversos capitais engajados na produção e em sua relação com o funcionamento da esfera financeira. Há um aspecto institucional e organizativo dessa totalidade e outro aspecto operacional, que se deslocam mutuamente. É preciso tomar em conta que os modos operacionais do capitalismo mudam, e não só por alterações tecnológicas específicas, senão pelas modificações na estruturação da produção em seu conjunto, que permite essas alterações técnicas.

Afinal, o sistema capitalista de produção funcionou sem bancos centrais durante sua expansão na segunda revolução industrial. Igualmente, esse sistema operou sem informações imediatas de preços para a maior parte de seus produtos. Muito do que hoje se vê como atributos necessários do sistema de produção jamais estiveram disponíveis para as decisões dos capitalistas. Mais ainda, as decisões em bolsa de aplicação de recursos jamais foram uma fração majoritária das decisões de aplicação dos capitais. A atomização das decisões e a indeterminação das tendências dos investimentos não podem ser ignoradas, quando se pretende relacionar a composição do sistema com seu modo de funcionar.

Nesse sentido, observamos que os movimentos da transformação da totalidade social estão qualificados por incerteza e indeterminação e não só por incerteza. Entendemos incerteza como a impossibilidade de conhecer por antecipação os desdobramentos de um processo cujas características são

representa o norte de toda uma linha de pesquisa nessa matéria, que tem rendido uma importante literatura no Brasil na última década. Especificamente, citaremos duas coletâneas sobre Lukács, organizadas, respectivamente, por Sergio Lessa e por Ricardo Antunes.

⁶ A teoria da ação comunicativa de Jurgen Habermas não contempla a transformação do sujeito pelo objeto, senão a ação de um dado sujeito sobre um dado objeto. Aparentemente, a transformação do sujeito fica por conta de efeitos indiretos e mediatos dessa ação unilateral.

I SEMARX I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

conhecidas.⁷ A indeterminação refere-se ao conhecimento da incerteza. Não se trata da incerteza inerente aos processos, senão da ausência de condições para equacionar a incerteza. A presunção de reduzir o problema à expressão matemática da incerteza não procede na esfera social, porque significa desconsiderar as margens de autonomia de ação por parte dos diversos participantes da vida social.

Referências bibliográficas

ARANTES, Paulo Eduardo, **Hegel, a ordem do tempo**, São Paulo, Hucitec, 2000.

FAUSTO, Ruy, **Marx: lógica e política, investigações para uma reconstituição do sentido da dialética, tomo III**, São Paulo, Editora 34, 2000;

----- **Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

FLICKINGER, Hans-Georg, **Marx e Hegel, o porão de uma filosofia social**, Porto Alegre, L&PM, 1986.

GOLDMANN, Lucien, **Marxisme et sciences humaines**, Paris, Gallimard, 1970

----- **El hombre y lo absoluto**, Barcelona, Península, 1968.

GOMES, Pinharanda, **Filosofia grega e pré-socrática**, Lisboa, Guimarães & Cia, 1973.

GRESPLAN, Jorge Luis da Silva, **O negativo do capital**, São Paulo, Hucitec/Fapesb, 1999.

HABERMAS, Jurgen, **Teoria de la acción comunicativa**, Madrid, Taurus, 1987, 2 vols.

HEGEL, G.W.F., **Fenomenologia del espíritu**, México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

⁷ Trata-se aqui de uma visão ontológica da incerteza, que se diferencia mas não nega a visão física, isto é, da física quântica. No sentido ontológico, o mundo é incerto simplesmente porque não pode ser completamente antecipado.

**I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS**

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)
Curso de Mestrado em Economia (CME)

----- **Ciência de la Lógica**, Buenos Aires, Hachette, 1967.

----- **Lecciones sobre la filosofia de la historia universal**, Madrid, Alanza Editorial, 1986.

HEIDEGGER, Martin, **Heráclito**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

LUKÁCS, Georg, **Ontologia do ser social**, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979,

MARX, Karl, **Grundrisse. Lineamientos fundamentales para la crítica de la economia política 1857-1858**, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, 2 vols.

-----**El capital**, México, Fondo de Cultura Económica, 1956, 3 vols.

----- **Capital y tecnologia – manuscritos inéditos (1861-1863)**, México, Terra Nova, 1980.

PAULANI, Leda, **A atualidade da crítica da economia política**, Crítica Marxista, São Paulo, Junho, 2000.

PEDRÃO, Fernando, **Mudança e estrutura no pensamento de Marx – notas de aula**, Salvador, 2002, inédito.

ROMERO, Francisco, **Estúdios de historia de las ideas**, Buenos Aires, Losada, 1953.